

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**ALEXANDRE MATTOS
JÚLIA DA MATTA**

A TV E AS CRIANÇAS DO LAR DO MÉIER

Rio de Janeiro

2009

Alexandre Mattos
Júlia da Matta

A TV E AS CRIANÇAS DO LAR DO MÉIER

Relatório técnico submetido à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo

Orientador: Prof. Dr. Fernando Alvares Salis

Rio de Janeiro

2009

M444 Mattos, Alexandre.
A TV e as crianças do Lar do Méier / Alexandre Mattos, Julia da
Matta. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
40 f.

Relatório técnico (Graduação em Comunicação Social) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação,
2009.

Inclui vídeo de 15 min.

Orientador: Fernando Alvares Salis.

1. Comunicação de massa e crianças. 2. Televisão - Influência. 3.
Televisão – Programas para crianças. I. Matta, Julia da. II. Salis,
Fernando Alvares. III. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Escola de Comunicação.

CDD: 302.23

Alexandre Mattos
Júlia da Matta

A TV E AS CRIANÇAS DO LAR DO MÉIER

Relatório técnico submetido à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo.

Rio de Janeiro, 2 de dezembro de 2009

Prof. Dr. Fernando Alvares Salis, ECO/UFRJ

Prof. Dr. Mauricio Lisovsky, ECO/UFRJ

Prof. Dr. Fernando Fragoso, ECO/UFRJ

Prof^a Dr^a Fátima Sobral Fernandes, ECO/UFRJ

RESUMO

MATTA, Júlia da M. e MATTOS, Alexandre. A TV e as crianças do Lar do Méier. Relatório Técnico (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

Documentário sobre a relação que as crianças da instituição de apoio escolar Lar do Méier têm com a TV. Seu principal objetivo é entender a importância deste meio de comunicação de massa na educação e sua influência na formação e no comportamento das crianças. A partir de entrevistas realizadas com os profissionais da instituição e com as próprias crianças, procurou-se avaliar a atual situação da programação infantil e adulta da TV aberta brasileira. Também foi visto a importância dos pais na escolha dos programas que as crianças assistem, além da questão da violência explorada pela programação da televisão. Preocupou-se também em conhecer os programas favoritos das crianças da instituição. O documentário apresenta o uso educacional da TV que as profissionais fazem na instituição, mostrando também a forma como as crianças reagem ao que assistem lá. Com o estudo, chegou-se a conclusão de que a programação atual poderia sofrer algumas modificações no intuito de melhorar sua recepção pelas crianças.

**COMUNICAÇÃO DE MASSA E CRIANÇAS, TELEVISÃO – INFLUÊNCIA,
TELEVISÃO – PROGRAMAS PARA CRIANÇAS.**

ABSTRACT

MATTA, Júlia da M. e MATTOS, Alexandre. **A TV e as crianças do Lar do Méier**. Relatório Técnico (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

Documentary about the relationship between kids of an institution of educational support called “Lar do Méier” and television. The project’s major goal is to understand the importance of this mass media on an educational aspect and its influence in the formation of the kids nowadays. Interviewing professionals and kids of the institution, the documentary’s creators aimed to appreciate about the child’s and adult’s television programming in Brazil presently. It also observes parent’s importance on children’s program choices and discusses the violence in the currently television’s programming. One of the producers’ concern was to know what programs those kids preferred. The documentary also presents the educational uses of the television in “Lar do Méier”, showing how its children reacts to the films watched there. With this study one can reach the conclusion that television programming nowadays should be revised itself and adopt another way in which children could have an improved approach.

MASS COMMUNICATION AND KIDS, TELEVISION – INFLUENCE, TELEVISION – CHILDREN’S PROGRAMS.

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE PERGUNTAS

APÊNDICE B – PERMISSÃO DE USO DE IMAGEM PARA CRIANÇAS

APÊNDICE C – PERMISSÃO DE USO DE IMAGEM PARA ADULTOS

APÊNDICE D – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A EDUCADORA

APÊNDICE E – FICHA TÉCNICA

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	Contexto do trabalho	10
1.2	Objetivo	12
1.3	Justificativa da relevância	12
1.4	Organização do relatório	14
2	PRÉ-PRODUÇÃO	15
2.1	Desenvolvimento do produto audiovisual	15
2.1.1	Público	15
2.1.2	Concepção da obra	15
2.1.3	Aquisição de direitos de imagem	16
2.1.4	Infra-estrutura	17
2.1.5	Seguros	17
2.1.6	Orçamento	18
2.1.7	Fontes de financiamento	18
2.2	Roteiro	19
2.3	Planejamento e organização das filmagens	19
2.3.1	Definição da equipe técnica	19
2.3.2	Definição dos entrevistados	20
2.3.3	Definição das locações	21
2.3.4	Cronograma de gravação	22
3	PRODUÇÃO	25
3.1	Direção	26
3.2	Produção	27
3.3	Direção de Fotografia	28
3.4	Som	29
3.5	Gravação	29
4	PÓS-PRODUÇÃO	30
4.1	Decupagem	30
4.2	Edição de imagem	31
4.3	Edição de som	32
4.4	Mixagem	32
4.5	Finalização	32
4.6	Distribuição	33
4.7	Exibição	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	37
	APÊNDICE A	39
	APÊNDICE B	41
	APÊNDICE C	42
	APÊNDICE D	43
	APÊNDICE E	44

1 INTRODUÇÃO

A primeira emissora da televisão brasileira, a TV Tupi, foi fundada por Assis Chateaubriand em 1950. As primeiras imagens televisivas foram realizadas no dia 3 de abril de 1950 no saguão do prédio dos Diários Associados, com imagens do Frei José Mojica, padre cantor mexicano.¹

Para sua primeira transmissão, a TV Tupi, necessitou de equipamento importado. Sua primeira antena foi comprada da RCA (Radio Corporation of América), empresa americana, e instalada no prédio do banco do Estado de São Paulo. Duzentos televisores também foram importados e, como estratégia para a introdução da TV no Brasil, equipamento desconhecido e ainda não vendido no país, Chateaubriand posicionou-os em lugares específicos da cidade.²

A primeira transmissão para a população ocorreu em 18 de setembro de 1950. Era inaugurada de fato a TV Tupi Difusora, a primeira emissora de televisão da América Latina. Suas primeiras transmissões eram improvisadas pelos apresentadores e atores, sua maioria trazida do rádio (SAMPAIO, 1984).

Segundo Maria Elvira Bonavita Federico, a primeira transmissão oficial foi com o programa "TV na Taba", apresentado por Homero Silva. A "TV na Taba" teve a participação de Lima Duarte, Hebe Camargo, Mazzaropi, Ciccilo, Lia Aguiar, Vadeco, Ivon Cury, Lolita Rodrigues, Wilma Bentivegna, Aurélio Campos, do jogador Baltazar e da orquestra de George Henri (FEDERICO, 1982).

O primeiro programa infantil da televisão brasileira foi importado do rádio, o "Clube do Guri", que era originalmente chamado de "Gurilândia". Dentre suas atrações constavam declamações de versos de Castro Alves, aventuras de garotos-prodígios e canções com acompanhamento de instrumentos musicais. O "Clube do Guri" ficou praticamente vinte anos no ar. Além desse programa destinado ao público infantil, outros também fizeram muito sucesso, como "Teatrinho Trol", "Sítio do pica-pau amarelo" e "Capitão Aza" (BAHIANA, 2006).

"Capitão Aza" foi o precursor dos programas infantis atuais. Durante a sua programação eram exibidas séries como "Jeannie é um Gênio" e "Feiticeira", sucessos da

¹ Dados retirados do site Tudo sobre TV.

² Fonte: <http://www.microfone.jor.br/historiadaTV.htm> Acessado em: 04/11/2009

época, além de desenhos animados como “Speed Racer” e “Corrida Maluca”. Estes desenhos, inclusive, estão presentes até hoje na programação destinada ao público infantil de alguns canais.

“Sítio do pica pau amarelo”, outro sucesso da programação infantil nacional, teve início em 1951 e durou até 1976, na sua primeira aparição na televisão. O programa, uma adaptação de um dos livros de Monteiro Lobato, teve outras fases na televisão brasileira, nos anos 1980 e 2000 (BAHIANA, 2006).

No final da década de 80 do século passado, ganhava espaço, na televisão brasileira, apresentadoras infantis como Xuxa, Angélica e Eliana. Modelos com rostinhos angelicais e, na maioria dos casos, roupas erotizadas que perduraram como ícones à frente da programação infantil até o início do século XXI, perdendo espaço para os apresentadores-mirins. Talvez as emissoras perceberam que crianças gostam de se ver espelhadas na televisão e se aproveitaram disso para atrair o público para seus programas.

A programação infantil da TV aberta atualmente varia de emissora para emissora. Pode-se verificar que umas são mais voltadas para o lúdico, poucas se destinam a realmente a educar. Os desenhos animados são importados, os produtos brasileiros se apresentam no formato de séries, com atores e locações. Apenas os educativos, como “Sítio do pica-pau amarelo”, “Castelo Rá-tim-bum”, “Menino maluquinho” e “Turma do Pererê”, podem ser considerados genuinamente brasileiros.

Na TV Globo, “Sítio do pica-pau-amarelo”, clássico adaptado do livro de Monteiro Lobato, busca interar a criança, através de um entretenimento educativo e cativante, sobre o folclore brasileiro. Talvez a criança não saiba exatamente a história do Saci Pererê só assistindo o programa, mas ela acaba sendo instigada a pesquisar, perguntar e a conhecer melhor o folclore.

A emissora TV Brasil, conhecida pela sua programação mais cultural, é uma excelente e genuína TV educativa infantil. A irreverência do “Menino maluquinho”, adaptação das histórias de Ziraldo, a “Turma do Pererê”, outra criação de Ziraldo e “Castelo Rá-tim-bum” que aguça a criatividade das crianças com o menino-bruxo Nino. Os produtos audiovisuais brasileiros buscam educar e introduzir a criança no nosso universo cultural.

Sobre os programas importados, pode-se analisar as programações da TV Globo, SBT, Rede TV e Rede Record.

A Rede TV destina apenas uma hora, de segunda à sexta, de sua programação para o público infantil. Das 18 horas às 19 horas, a emissora veicula “Pokemon”, um desenho com bichinhos que se assemelham a animais de estimação, porém com poderes especiais diferenciados. Três personagens humanos domesticam esses bichinhos. A idade deles varia entre 10 e 13 anos, o que leva à criança a se espelhar nesses personagens.

A Rede Record destina uma hora e trinta minutos diários, de para a apresentação do desenho “Pica-pau”, que pode ser avaliado como muito violento para os padrões da televisão infantil atualmente. Ele é exibido de segunda a sexta das 19 horas às 20 horas e trinta minutos e também aos domingos no programa matutino Records Kids.

A TV Globo e o SBT são as duas emissoras que mais destinam horários para o público infantil nas suas programações.

A TV Globo, além do já citado “Sítio do pica-pau amarelo”, destina, de segunda a sábado, pelo menos 3 horas diárias de desenhos animados, todos eles importados. Esses programas estimulam o imaginário das crianças, apresentando situações fantasiosas. Por exemplo, o desenho “Padrinhos Mágicos” (“*The Fairly OddParents*”) conta a história de uma criança de 10 anos que consegue realizar seus desejos pedindo a dois seres mágicos, seus padrinhos mágicos. Nem todos os desejos são realizados, porque, como em toda sociedade, existem regras a serem seguidas. Toda vez que um padrinho não pode realizar um desejo por causa das “regras”, um livro aparece, similar ao código civil. Apesar dessa tentativa de demonstrar à criança como é a vida em sociedade, o desenho mostra apenas um mundo de futilidades. O garoto do desenho busca sempre seu benefício, por exemplo, a conquista de uma namoradinha, sem nenhuma vontade de melhorar o meio onde vive, nunca sendo repreendido por isso.

O SBT é a emissora da TV aberta que mais destina espaço na programação para o público infantil. Mesmo que seus programas sejam produzidos no Brasil, apresentados por brasileiros, o seu conteúdo é formado por desenhos e séries importadas. Uma série chama a atenção pelo tempo que está no ar: “Chaves”. Importada do México, a série chegou ao Brasil na década de 80 do século XX. Tornou-se um legado, passando de pai para filho e numa forma de aproximar as crianças dos seus pais. Segundo um estudo realizado pela pedagoga Adriana Fernandes, o encontro e o diálogo entre pai e filho pode ser dificultado graças ao não-saber. Gerações diferentes têm hábitos diferentes e assistem programas diferentes na TV. Para haver o diálogo é necessário que haja uma iniciativa dos pais de

acompanharem o que seus filhos vêem na televisão e discutirem com eles sobre esse assunto (FERNANDES, 2005).

Outro fato que chama a atenção são os apresentadores dos programas infantis. Na “TV Globinho”, programa da TV Globo, uma jovem vestida com roupas infantilizadas tenta se aproximar das crianças. A “TV Xuxa”, também da mesma emissora, perde espaço por causa da apresentadora, uma mulher com mais de quarenta anos, que mesmo tendo feito muito sucesso entre as crianças no passado, já perdeu o seu encanto. O SBT buscou aproximar mais o apresentador do público infantil. À frente de seus programas infantis, três jovens apresentadores se destacam. De segunda a sexta, no programa “Bom dia & Cia”, Priscilla Alcântara, de 12 anos e Yuri Tamashiro, de 14 anos, animam as crianças com games e desenhos animados. Mas quem chama a atenção atualmente é a pequena Maísa, com apenas 6 anos apresenta o programa “Sábado animado”.

A educação só pode se dar realmente através de uma “inversão crítica na realidade” (FREIRE, 1987, p.40). Paulo Freire propõe uma educação problematizadora, que é construída por educadores e educandos a partir da observação e reflexão da realidade em que vivem. Pensando assim, educar não é utilizar métodos universais para todos os alunos de forma igual, mas sim uma prática contextual, que exige uma análise de caso. A televisão, como um meio de comunicação de massa, tende a nivelar seu conteúdo pela média, para assim atingir o maior número possível de telespectadores. Pode-se chegar à conclusão que a programação da TV aberta brasileira não está realmente interessada em promover a educação das crianças através da conscientização, mas apenas em ganhar audiência com a venda de entretenimento.

1.1 CONTEXTO DO TRABALHO

A televisão é um meio de comunicação de massa muito influente nas crianças do Brasil e atinge quase a totalidade das residências e, diante desta realidade, a discussão sobre a relação da TV com o seu público infantil torna-se fundamental (LOBO, 1990).

No primeiro ano de vida da extinta TV Tupi, um capítulo importante para as crianças brasileiras se escrevia: era exibido o primeiro desenho animado. “Pica-pau biruta”, ou “Woody Woodpecker”, no original em inglês, com sua risada chamativa foi

exibido pela primeira vez no Brasil em 19 de setembro de 1950. Como a dublagem só surgiu em 1957, os episódios eram exibidos na sua versão original, em inglês.³

A televisão brasileira infantil atual, com uma gama de desenhos para diversas idades, canais da tv a cabo destinados apenas para o público infanto-juvenil e programas na TV aberta apresentam na programação habitual predominantemente desenhos importados, dentre eles animes japoneses e *cartoons* americanos.

Os desenhos servem, não só como entretenimento, mas, principalmente, como educador e incorporador da criança na sociedade. Mas é claro que cada criança assiste a um mesmo programa de maneira diferente, dependendo do ambiente em que vive (LOBO, 1990). Algumas crianças inclusive podem preferir assistir programas adultos. (SCHIAVO, 2003).

Aliás esta é uma questão colocada pela autora Bia Rosenberg, que há muitos anos trabalha como produtora de programas infantis:

Criança é uma esponja televisiva, consome a programação com voracidade e até absorve atrações, temas, exemplos de comportamento e estilos de vida criados originalmente para consumo adulto, com o mesmo ímpeto com que vê seu desenho animado favorito. (ROSENBERG, 2008, p.141)

A maior preocupação de Bia Rosenberg quanto a esta questão é o fato de muitas crianças assistirem à programação adulta da TV sem o conhecimento e aval dos pais. Caso algum responsável permita que seu filho veja programas impróprios, deve fazer isso sempre em companhia da criança, para caso surja algum conteúdo de difícil compreensão, haja a possibilidade do pai esclarecer as dúvidas do filho (ROSENBERG, 2008).

Uma outra preocupação da autora é quanto aos conteúdos violentos da televisão. Para Bia Rosenberg “a violência especialmente prejudicial à criança é aquela sem contexto que a justifique, sem consequências e sem punição” (ROSENBERG, 2008, p.135). A autora ainda relata alguns efeitos que a violência televisiva pode trazer: o aumento do medo, a dessensibilização e também o aumento do comportamento agressivo da criança, principalmente nos casos em que ela imita o que viu na TV. A autora defende que a violência pode ser positiva, quando dentro de um contexto e mostrando as consequências

³ Fonte: <http://www.tudosobretv.com.br/historTV/historbr.htm#> Acessado em: 24/11/2008

que ela pode trazer, pois assim pode ajudar a criança a lidar com sentimentos reais de raiva e agressividade (ROSENBERG, 2008).

Segundo Piaget (1974) a adaptação da criança ao meio, como o próprio desenvolvimento dela, ocorre através de dois processos, o da assimilação e o da acomodação. Outros fatores podem ser considerados como influencia no desenvolvimento: crescimento biológico, formação dos hábitos biológicos e integração social.

Para construir o conhecimento, a criança sofre influencia do meio social, interagindo como elemento ativo e capaz de compreender e incorporar informações. Esse conhecimento é descoberto espontaneamente, resultado da convivência da criança com a cultura, com os pais e escola. A TV também entra neste processo de conhecimento, uma vez que atualmente muito da educação que deveria ser feita pelos pais é delegada à televisão, atuando como uma babá-eletrônica (LOBO, 1990).

Segundo Elsie O. Osborne “a televisão traz uma contribuição específica para a educação e experiência da criança: é a representação visual e imediata dos acontecimentos reais” (OSBORNE, 1975a, p.44) Este trabalho busca o esclarecimento da relação que as crianças tem com a TV atualmente, contrapondo com a visão que as responsáveis pela educação destas crianças têm desta relação.

1.2 OBJETIVO

- Produzir um documentário de curta duração a partir do depoimento de crianças de 9 a 11 anos, alunas do Lar do Méier, evidenciando a relação delas com a televisão.

1.3 JUSTIFICATIVA DA RELEVÂNCIA

Para a escolha do tema deste trabalho, levou-se em consideração o fato de que se vive em um mundo extremamente midiático e que as crianças de hoje já nasceram inseridas neste contexto, e por isso a relação delas com a mídia se dá de maneira diferente que a dos adultos. Para uma criança rádio, TV, internet não possuem mais um “ar de magia”, mas sim fazem parte totalmente do seu cotidiano. É claro que todos esses elementos midiáticos estão o tempo todo interagindo e interferindo na visão de mundo das pessoas, essa interferência chegou ao ponto de tornar impossível delimitar com precisão

onde começa e termina a influência de cada meio de comunicação distintamente (GIRARDELLO, 2005).

Porém este trabalho utiliza apenas os programas infantis na TV aberta e a sua interlocução com o universo das crianças como objeto de estudo, pelo fato da televisão ainda ser o meio de comunicação de massa a que as crianças dedicam mais tempo. Como a programação infantil na TV está sempre se adaptando às novas tecnologias e tendências do mercado, este é um tema que não se esgota e torna-se cada vez mais importante a sua discussão, uma vez que, “o aumento na quantidade e diversidade de equipamentos e canais audiovisuais, tanto em casa quanto na escola, traz novos fatores à experiência infantil” (GAITAN, 1996, p.48).

Há que se ter em mente que a televisão também tem a sua função educadora, inclusive ela vem atualmente ocupando o espaço “deixado pelos pais sem diálogo e pela escola defasada” (LOBO, 1990, p.4). Mesmo que as crianças também assistam à programação adulta da TV, é importante avaliar os programas infantis, pois eles possuem um público-alvo definido e supostamente deveriam atender as necessidades dele.

Segundo Freire, os pedagogos costumam adotar uma concepção bancária da educação, ou seja, uma relação vertical entre professor e aluno. O professor está no topo, detendo todo o conhecimento, e o aluno está embaixo, vazio de saber. O autor faz então uma analogia, aproximando educadores e bancos, onde as contas precisam de depósitos assim como os alunos. Porém para Freire a educação precisa ser vista como uma relação horizontal, professores e alunos trabalhando juntos para a construção do saber. Um acrescenta algo ao outro e só assim o aprendizado pode realmente se dar (FREIRE, 1984). Esta concepção bancária da educação também foi transferida para a televisão. Os programas infantis mantêm uma relação vertical entre emissores e receptores, adultos e crianças. Para educar realmente, a televisão deve encarar a criança como um telespectador ativo, capaz de acrescentar sua significação para o que assiste.

Foi produzido então um documentário para ouvir o que as crianças têm a dizer sobre a TV, assim como conhecer a opinião dos adultos responsáveis pela educação delas sobre o assunto. Como integrar a TV no processo educacional? E como educar as crianças para ver TV?

1.4 ORGANIZAÇÃO DO RELATÓRIO

Este relatório está dividido em quatro capítulos, três correspondem às diferentes etapas de realização de um produto audiovisual: pré-produção, produção e pós-produção. O último capítulo é reservado às considerações finais dos autores do projeto e suas conclusões a respeito do tema estudado.

2 PRÉ-PRODUÇÃO

Neste capítulo são descritas as atividades realizadas no processo de pré-produção do projeto final. Engloba a conceituação do documentário, a elaboração de um primeiro roteiro e o planejamento das etapas seguintes (produção e pós-produção).

2.1 DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO AUDIOVISUAL

A idéia de realizar um documentário com crianças surgiu da necessidade de responder sobre a questão da importância da programação assistida pelas crianças na sua formação cultural, social e educativa.

O foco principal do documentário era saber a opinião das crianças sobre o que elas estão assistindo na TV, ouvindo também a opinião dos adultos envolvidos na educação desses jovens.

Por causa dos poucos recursos disponíveis para a realização do documentário, foi decidido focar num pequeno grupo de crianças, de um lugar específico, sem generalizar, que poderiam ser influenciadas socialmente pela programação da TV.

2.1.1 PÚBLICO

O documentário tem como público-alvo crianças, pais, educadores e profissionais relacionados com a produção televisiva. Busca colocar em pauta a relação entre a programação da TV e a criança. Entender a importância da TV na formação do indivíduo é um assunto a ser discutido entre todos aqueles que participam de alguma forma do processo de educação das crianças

2.1.2 CONCEPÇÃO DA OBRA

A obra foi concebida para ser um documentário construído através de entrevistas com as pessoas responsáveis pela educação das crianças do Lar do Méier, intercalado com a manifestação da opinião das próprias crianças. Como foi escolhido abordar a relação das crianças com a TV através da voz dos atores sociais, pode-se dizer que o documentário é predominantemente do modo expositivo, segundo a classificação sugerida por Bill Nichols.

No modo expositivo as imagens têm a função de apenas ilustrar o que está sendo dito, diferentemente do modo poético, que as utiliza para criar emoções no espectador, em detrimento dos comentários dos atores sociais. Um documentário “expositivo dirige-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história” (NICHOLS, 2005, p.142).

Já em um documentário participativo é possível ver como o diretor e seus entrevistados “interagem, que formas de poder e controle entram em jogo e que níveis de revelação e relação nascem dessa forma específica de encontro” (NICHOLS, 2005, p.155). Pode-se dizer então que há elementos do modo participativo em “A TV e as crianças do Lar do Méier”, uma vez que a voz dos diretores aparece conduzindo a manifestação das crianças sobre o tema, interagindo com a fala delas.

A idéia era entrevistar os adultos individualmente, tendo como base o mesmo roteiro de perguntas (apêndice A), mas adaptando conforme a função na instituição e as respostas dadas. Já as crianças seriam entrevistadas em pequenos grupos, para aproveitar a interação entre elas durante a entrevista, com perguntas baseadas na programação infantil da TV aberta. Outra diferenciação seria a altura da câmera, que no caso das crianças seria colocada com o tripé mais baixo, pois a idéia era entrevistá-las sentadas no chão.

O som seria captado diretamente, no caso dos adultos com microfone lapela e das crianças utilizando um boom, podendo assim haver a possibilidade delas falarem ao mesmo tempo e para elas também ficarem mais livres para se mexer sem um microfone preso a elas.

2.1.3 AQUISIÇÃO DE DIREITOS DE IMAGEM

A maioria dos entrevistados do documentário é de crianças, menores de idade, que necessitam da autorização dos pais para aparecerem em um produto audiovisual (apêndice B). Então a escolha do local para a realização das gravações foi feita a partir da possibilidade de aquisição desses direitos. Algumas instituições foram selecionadas para servir de objeto do documentário, porém a maioria não permitia que as crianças fossem entrevistas, devido à relação distante mantida com os responsáveis pelas crianças não seria possível a mediação da instituição para a aquisição os direitos de imagem.

A instituição escolhida, Lar do Méier, serviu de mediadora entre a produção do documentário e os pais, enviando através da agenda das crianças a permissão do uso de

imagem para ser assinado. Apenas aquelas que trouxeram o documento devidamente preenchido puderam participar das entrevistas.

As profissionais do Lar do Méier também tiveram que assinar uma declaração antes de serem entrevistadas (apêndice C).

Quanto às imagens de programas de TV utilizadas para ilustrar o documentário, a equipe de produção não conseguiu a cessão com aqueles que detêm os direitos. Mas para a exibição do documentário com um intuito apenas acadêmico, sem fins lucrativos, a produção dispensou a aquisição dos direitos, porém colocando os devidos créditos nas imagens.

2.1.4 INFRA-ESTRUTURA

Foram utilizados os equipamentos e os laboratórios da faculdade para a realização do projeto. Gravou-se em tecnologia digital DV com uma câmera PD 150. Outros equipamentos utilizados foram: microfone lapela, boom, baterias e tripé.

A direção do documentário optou por gravar as entrevistas na própria instituição e não em um estúdio.

2.1.5 SEGUROS

Como os equipamentos da faculdade possuem seguro, a produção não precisou segurar mais nada. Não foi feito nenhum tipo de seguro para a equipe, pois as gravações não apresentavam risco elevado.

2.1.6 ORÇAMENTO

	Orçamento planejado	Orçamento real
Câmera PD 150 c/ cinegrafista (7 dias)	R\$ 4.200,00	- OBS: Equipamento emprestado da faculdade
Microfone Lapela	Incluso no orçamento da câmera	- OBS: Equipamento emprestado da faculdade
Boom	Incluso no orçamento da câmera	- OBS: Equipamento emprestado da faculdade
Tripé	Incluso no orçamento da câmera	- OBS: Equipamento emprestado da faculdade
Operador de áudio + fone (7 dias)	R\$ 1.750,00	Feito pelos diretores e amigos
Aluguel de Van (7 dias)	R\$ 840,00	R\$ 50,00 (combustível – GNV) OBS: Foi utilizado o carro de um dos produtores
6 Fitas Mini-DV	R\$ 120,00	R\$ 120,00
21 DVDs	R\$ 21,00	R\$ 21,00
21 Capas de DVD sem label	R\$ 52,50	R\$ 52,50
Total	R\$ 6.983,50	R\$ 243,50

2.1.7 FONTES DE FINANCIAMENTO

Como não foi necessário alugar equipamento, nem contratar mão-de-obra, a produção do documentário ficou mais barata. Então os diretores arcaram com todas as despesas, não recorrendo a fontes de financiamento.

2.2 ROTEIRO

A roteirização aparece como uma organização do produto audiovisual, dando uma ilusão de controle da realidade. A visão de mundo que os roteiros costumam propor é acabada, fechada, mas no caso do documentário ele deve ser um ponto de partida para a descoberta de uma nova realidade. O documentário deve estar preparado para lidar com o acaso, por isso seu roteiro deve ser aberto, passível de transformação. O diretor deve se colocar “sob o risco do real” (COMOLLI, 2001).

Para produzir o documentário, antes das gravações foi feito um estudo do tema a ser discutido e um roteiro de perguntas (apêndice A). As perguntas pensadas para os adultos abordavam a questão da influencia da TV no comportamento das crianças e qual era as suas opiniões em relação à programação infantil da TV. Para as crianças, perguntou-se quais os programas favoritos delas, a opinião sobre a TV e buscou-se entender como a televisão influencia no dia-a-dia delas. Conforme o desenrolar do documentário, outras questões foram surgindo, modificando alguns aspectos da idéia original.

2.3 PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO DAS FILMAGENS

No Lar do Méier as crianças são divididas em dois turnos: as que estudam de manhã freqüentam a instituição à tarde e as que estudam de tarde, pela manhã. Escolheu-se fazer as gravações no turno da tarde, devido à disponibilidade de horário dos diretores e da equipe técnica. Além do mais, à tarde, havia mais crianças na faixa etária escolhida pelos produtores para serem entrevistadas. A disponibilidade de horários para as entrevistas era das 13h30, depois do almoço das crianças, até 16h30, hora em que elas retornam para casa.

2.3.1 DEFINIÇÃO DA EQUIPE TÉCNICA

A equipe técnica (apêndice E) foi escolhida baseada na necessidade da produção do documentário. A própria faculdade disponibiliza um cinegrafista para realizar as gravações. No áudio foi necessária a ajuda de dois operadores em externas diferentes. Para a finalização do documentário foi chamado um editor com experiência em videografismo. A produção, direção e edição ficaram a cargo dos idealizadores do projeto.

2.3.2 DEFINIÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Como se trata de um documentário de curta duração foi necessário fazer uma seleção de quais profissionais do Lar do Méier seriam entrevistados. A vontade era ouvir todos aqueles que participavam do processo de educação das crianças da instituição, mas para um projeto audiovisual de 15 minutos foi realizado um corte do real. Os idealizadores do documentário utilizaram então alguns elementos do modelo sociológico descrito por Jean-Claude Bernadet (2003). Apesar do autor criticar este tipo de abordagem por ser construído de forma a não expor o seu método e de se colocar como a realidade e não apenas como uma representação dela, algumas características desse modelo se mostraram interessantes para o projeto: o uso de tipos representativos e de perguntas a pessoas anônimas. Para Bernadet os entrevistados são a voz da experiência, eles falam da sua vivência. As vozes adultas podem ser divididas em dois grupos: os responsáveis pelo planejamento das atividades das crianças e os que executam estas atividades.

No primeiro grupo há a assistente social, Vânia, e a pedagoga, Joyce. Desempenham a função de escolher os temas que serão trabalhados nas aulas e acompanhar a vida das crianças fora da instituição. A relação que elas mantêm com os estudantes é mais distante, pois não convivem tanto com eles. O interesse na entrevista delas está em avaliar a questão da TV do ponto de vista educativo.

Fazem parte do segundo grupo as educadoras Simone e Moema. Elas são responsáveis por acompanhar as atividades desenvolvidas com as crianças. São as pessoas que tem maior contato com elas e foram escolhidas para serem entrevistadas justamente por poderem avaliar melhor como a TV influencia no comportamento das crianças.

Há ainda um terceiro grupo de entrevistados: as crianças. Foi delimitada a idade mínima de nove anos e máximo de doze, pois nessa etapa da infância elas acreditam que já viveram tempo suficiente para entender o mundo, ou seja, elas já possuem opinião própria (OSBORNE, 1975b). O intuito da entrevista era obter as opiniões delas sobre a programação infantil da TV, bem como descobrir quais são os programas que atraem mais sua atenção e o porquê.

2.3.3 DEFINIÇÃO DAS LOCAÇÕES

Tentando captar o ambiente do local de estudo escolhido pelos idealizadores do projeto, todas as entrevistas foram feitas no Lar do Méier, variando apenas as salas a cada entrevista.

A pedagoga e assistente social foram entrevistadas na biblioteca, pois era o lugar que aludia à função de planejamento que elas desempenham na instituição.

Já a educadora Moema aparece no documentário em um clima mais descontraído, foi a única entrevistada em um ambiente externo, perto do local onde as crianças estavam jogando futebol. Essa escolha se deu devido à relação de proximidade que ela mantém com as crianças, acompanhando de perto todas as atividades realizadas.

A outra educadora, Simone, teve que ser entrevistada na secretaria da instituição, pois nesse dia ela estava encarregada de substituir uma funcionária da administração que estava doente.

Já as crianças foram entrevistadas nas salas onde elas costumam assistir televisão, dispostas da mesma forma que elas costumam realizar esta atividade, sentadas em almofadas no chão.

2.3.4 CRONOGRAMA DE GRAVAÇÃO

São apontadas a seguir as gravações realizadas para a produção do documentário.

Data	2 de junho
Horário	Saída da faculdade: 13h30 Chegada na instituição: 14h15 Entrega dos equipamentos: 17h
Equipe	Produtor e diretor: Alexandre e Júlia Cinegrafista e operador de áudio: Nelson Di Santi
Equipamento	Câmera PD 150 Tripé de câmera Microfone lapela com fio Extensão para microfone Fone de ouvido
Local de gravação	Sala de leitura
Entrevistado	Vânia – assistente social Joyce – pedagoga
Observações	Levar as declarações de imagem das crianças para a Vânia encaminhar para os pais

Data	5 de junho
Horário	Saída da faculdade: 13h30 Chegada na instituição: 14h15 Entrega dos equipamentos: 17h
Equipe	Produtor e diretor: Alexandre e Júlia Cinegrafista: Nelson Di Santi Operador de áudio: Raphael
Equipamento	Câmera PD 150 Tripé de câmera Microfone Vara boom Extensão para microfone Fone de ouvido
Local de gravação	Sala de TV (1)
Entrevistado	Crianças (Alexandre, Floriano, Jéssica, João Vitor e Lucas)
Observações	

Data	11 de setembro
Horário	Saída da faculdade: 13h30 Chegada na instituição: 14h15 Entrega dos equipamentos: 17h
Equipe	Produtor e diretor: Alexandre e Júlia Cinegrafista: Nelson Di Santi Operador de áudio: Társio
Equipamento	Câmera PD 150 Tripé de câmera Microfone Vara boom Extensão para microfone Fone de ouvido
Local de gravação	Sala de TV (2)
Entrevistado	Crianças Grupo 1: Alexandre, Ana Carolina, Lucas e Mateus Grupo 2: Ana Carla, Floriano e João Vitor
Observações	Após do recesso a sala de TV mudou de lugar, por isso as gravações deste dia foram feitas em um lugar diferente da primeira entrevista com as crianças.

Data	18 de setembro
Horário	Saída da faculdade: 13h30 Chegada na instituição: 14h15 Entrega dos equipamentos: 17h
Equipe	Produtor e diretor: Alexandre e Júlia Cinegrafista e operador de áudio: Nelson Di Santi
Equipamento	Câmera PD 150 Tripé de câmera Microfone lapela com fio Extensão para microfone Fone de ouvido
Local de gravação	Secretaria
Entrevistado	Simone – educadora
Observações	

Data	2 de outubro
Horário	Saída da faculdade: 13h30 Chegada na instituição: 14h15 Entrega dos equipamentos: 17h
Equipe	Produtor e diretor: Alexandre e Júlia Cinegrafista e operador de áudio: Nelson Di Santi
Equipamento	Câmera PD 150 Tripé de câmera Microfone lapela com fio Extensão para microfone Fone de ouvido
Local de gravação	Campo de futebol
Entrevistado	Moema – educadora
Imagens de apoio	Sala de aula juvenil Sala de aula infantil Sala de música Crianças vendo TV e discutindo o filme visto Crianças brincando
Observações	Neste mesmo dia foram feitas imagens de apoio das dependências da instituição e a entrevista com a educadora Moema

Devido à pandemia da gripe influenza A, as atividades do Lar do Méier ficaram suspensas durante o mês de julho até meados de agosto de 2009. Por isso houve um grande intervalo entre as gravações na instituição.

3 PRODUÇÃO

Neste capítulo está descrita a etapa de gravação do documentário. Relatando as escolhas estéticas e técnicas feitas pelos produtores/diretores do projeto.

Realizar filmes é bem parecido com cozinhar. Você escolhe sua receita (temática e ponto de vista), faz uma lista de compras (tratamento ou storyboard ou lista de planos de filmagem), arranja algum dinheiro (você precisa de mais do que imagina) e sai à procura das matérias-primas (registrar as imagens e gravar o som). Daí você volta para a sua cozinha (a sala de edição) e começa a cozinhar (editar). (WATTS, 1999, p. 30)

Por ser um documentário sem patrocínio e para conclusão de curso da faculdade, os idealizadores do projeto se dividiram nas funções necessárias para a realização do documentário. A direção, produção e outras funções ficaram a cargo de Júlia da Matta e Alexandre Mattos. Na captação das imagens, foi solicitado à faculdade um profissional que pudesse acompanhar todos os dias de gravação. Nas entrevistas com as crianças, que necessitava da presença dos dois idealizadores na função de entrevistador, foi pedida ajuda de outras pessoas para desempenhar a função de operador de áudio.

Na escolha das locações, a direção do documentário procurou deixar cada entrevistado no local de trabalho. Essa decisão fez com que eles ficassem mais à vontade e relatassem melhor as histórias. Essa escolha também ajudou nas gravações com as crianças que se acomodaram em almofadas na sala da televisão. Isso facilitou a interação entre o entrevistado e o entrevistador.

Na hora de captar as imagens dos profissionais do Lar do Méier ficou decidido que a posição das câmeras deveria captar os objetos de ensino como livros, globo, área de recreação.

As entrevistas foram se desenrolando naturalmente, tendo como guia apenas uma lista de perguntas que eram adaptadas conforme as respostas e as reações de cada entrevistado.

As reações de cada entrevistado eram diferentes, até mesmo por serem adultos e crianças. Com os adultos, por serem mais objetivos e calmos, só foi necessário um entrevistador. Com as crianças, por causa das dificuldades de enquadramento pela agitação

delas, foram necessários dois entrevistadores e o acompanhamento de um educador da instituição.

3.1 DIREÇÃO

Cada dia de gravação foi diferente e necessitou decisões especiais da direção. A divisão da responsabilidade do cargo, não foi apenas por coincidência de idéias e ideais. Por falta de experiência, os dois necessitaram refletir juntos para chegar a melhores adaptações e soluções para os problemas. A dupla também fez a seleção dos personagens do documentário.

A escolha dos entrevistados se baseou na proximidade deles com o tema. Abaixo a descrição de como foi a gravação com cada um deles:

- Vânia (Assistente social)– desde o início mostrou-se à vontade em frente às câmeras. O roteiro de perguntas dela era o mais extenso, pois apresentava questões relativas à história da instituição, mas que não foram utilizadas na edição final do trabalho.
- Joyce (Pedagoga) – mais tímida, exigiu que a entrevistadora instigasse mais, as perguntas não rendiam tanto. Mas a sua experiência com as crianças e seu conhecimento técnico mostrou-se fundamental para o documentário.
- Simone (Educadora) – apesar de no início não querer ser entrevistada, foi a gravação que mais rendeu material bruto interessante. Com apenas uma pergunta sendo feita, ela respondia outras três que também estavam no roteiro. Sua proximidade com as crianças ajudou muito no momento de entrevistá-las, além do mais, a Simone foi o principal contato entre os idealizadores e o Lar do Méier.
- Moema (Educadora) – foi a última a ser entrevistada e a que fez o depoimento mais rápido. Como o projeto já tinha começado a ser editado, só foram feitas as perguntas necessárias para completar o documentário. A entrevista fluiu bem devido à sua proximidade com as crianças.
- Crianças – exigiu um maior planejamento e adaptação, pois nem sempre elas correspondiam às expectativas. Algumas não respondiam a nenhuma pergunta, tinham que ser estimuladas. Pelo fato das entrevistas serem realizadas às sextas, dia livre das crianças, elas se mostravam mais agitadas que o normal. Perdiam a atenção e no decorrer da entrevista não queriam mais falar. Outra questão sobre as

crianças, apesar de haver um roteiro, as perguntas tinham que ser adaptadas para uma linguagem mais coloquial, para parecer mais com uma conversa do que com uma entrevista.

Desde o planejamento os diretores já tinham decidido que a voz deles iria aparecer na edição final do documentário, para garantir que as respostas das crianças não ficassem fora de contexto. Outra decisão foi mostrar as reações das crianças em frente à TV, por isso as gravações foram feitas na sala onde elas assistem aos filmes e desenhos. Os diretores também acompanharam as crianças numa de suas aulas na sala da televisão.

3.2 PRODUÇÃO

Como foi utilizado equipamento da faculdade, antes de cada gravação tinha que ser enviado um e-mail para o laboratório da faculdade pedindo a reserva dos equipamentos. O custo da aquisição da mídia de gravação foi dividido entre os produtores do documentário.

Nos dias de gravação era necessário pegar a permissão do uso de imagem dos adultos e recolher a das crianças, que já tinha sido enviada anteriormente para os pais delas através da instituição. O contato entre os educadores do Lar do Méier e os pais das crianças foi fundamental para a realização do projeto, pois só devido à confiança existente na instituição, os responsáveis permitiram que seus filhos fossem entrevistados.

A equipe de gravação costumava chegar à instituição na hora do lanche das crianças. Assim enquanto elas comiam os diretores podiam preparar a locação e os equipamentos. Porém só a presença da equipe no local já era suficiente para modificar a rotina das crianças. Uma delas queria deixar de lanchar para poder se arrumar para aparecer diante da câmera, essa mudança no comportamento é um exemplo de “como o ato de filmar altera a realidade que pretende representar” (NICHOLS, 2005, p. 31).

Os documentaristas também devem se preocupar com a maneira como afetam os entrevistados após a realização do projeto. Observou-se que as crianças do Lar do Méier se apegaram aos entrevistadores, queriam saber quando eles voltariam à instituição ou se brincariam com elas após a gravação. As próprias educadoras relataram que as aquelas crianças eram carentes de atenção e que se apegavam mais facilmente às pessoas.

Com o passar dos dias de gravação, a relação entre as crianças e a produção do documentário ia se tornando mais próxima. Os produtores viraram “tios” das crianças.

Após as gravações a equipe continuava na instituição até a saída das crianças. Como às sextas-feiras era o dia livre delas, a equipe jogava bola com as crianças e também conversava mais com as educadoras sobre as atividades desenvolvidas na instituição. A relação de proximidade que se estabelecia era importante nas gravações, para que as educadoras e as crianças ficassem mais à vontade para darem seus depoimentos. Qualquer brincadeira ou conversa informal com as crianças era realizada depois das gravações, pois a identificação dos diretores com o objeto de estudo poderia perturbar a abordagem científica do projeto (BERNADET, 2003).

3.3 DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA

Os diretores de fotografia, Alexandre e Julia, decidiram não utilizar iluminação artificial, primeiro porque as gravações eram feitas com o dia claro, segundo para a iluminação não conduzir a emoção do espectador deliberadamente, terceiro para contrastar com o que é apresentado na TV. Esta mostra uma realidade colorida artificialmente, enquanto que para aquelas crianças a vida tem uma cor diferente, variada, mas sem o mesmo brilho da TV.

O enquadramento dos profissionais da instituição era feito da cintura para cima, sentados em frente a uma mesa em uma sala fechada. A única gravada em ambiente externo foi a Tia Moema, por ela possuir um contato mais direto com as crianças, a entrevista foi feita no local em que as crianças estavam brincando, durante o tempo em que ela fica apenas supervisionando a atividade delas.

As crianças foram gravadas na sala onde costumam assistir TV na instituição. A câmera foi colocada mais baixa, na altura dos olhos de uma criança sentada. Foi pedido para as crianças sentarem nas almofadas que estavam na sala de aula, mas elas se posicionaram da maneira que quiseram. Algumas vezes foi preciso pedir para que mudassem de posição por estarem saindo de quadro. A presença de uma educadora nas gravações foi essencial para controlar a movimentação excessiva das crianças em frente a câmera.

3.4 SOM

O som foi captado diretamente através de microfones lapela e boom. Para as educadoras foi necessário captar um áudio direto e limpo, por isso optou-se pelo lapela com fio. Para as crianças, como as entrevistas eram feitas em grupos de três a cinco, preferiu-se não incomodá-las com o fio do microfone, por isso foi utilizado o boom. Foi designado um operador de áudio exclusivamente para as entrevistas com as crianças.

3.5 GRAVAÇÃO

A gravação das imagens foi feita com uma câmera Sony PD 150, equipamento da faculdade, utilizando uma mídia mini-DV, mas em qualidade DV. Pelo menos uma semana antes, a produção do documentário entrava em contato com a instituição para a reserva dos equipamentos de gravação.

Em nenhum momento o Lar do Méier se mostrou insatisfeito ou contrário à gravação do documentário. A equipe ficou livre para gravar quando quisesse, sem ser necessário avisar com muita antecedência. Por causa da pandemia da gripe influenza A e das férias escolares, as gravações dos meses de julho e agosto foram adiadas, sendo retomadas em setembro.

4 PÓS – PRODUÇÃO

Este capítulo contempla a etapa final do projeto. Será descrita a elaboração do roteiro do documentário e a edição de imagem e som. Incluindo também a distribuição e exibição do documentário após a sua finalização.

4.1 DECUPAGEM

Após o término de cada gravação as imagens feitas eram analisadas pelos diretores. As partes interessantes eram anotadas para serem posteriormente capturadas na ilha de edição linear.

Os idealizadores do projeto não tinham um roteiro pronto antes da produção do documentário. O processo de roteirização foi feito a partir da decupagem. Selecionaram-se trechos das entrevistas levando em consideração o seu conteúdo e a sua qualidade técnica.

A idéia inicial dos idealizadores do documentário era estudar a influência dos desenhos animados da TV aberta na formação das crianças. Porém conforme eram feitas as gravações, novas questões surgiam. Algumas perguntas não tinham a repercussão esperada, enquanto outras geravam uma discussão maior, como, por exemplo, a violência da TV.

Cada entrevista rendeu de forma diferente na hora da edição. As educadoras, por serem as últimas entrevistadas, acabaram sendo mais aproveitadas pelo fato dos entrevistadores terem alterado um pouco o roteiro de perguntas para relacionar melhor com as respostas das entrevistadas anteriores.

A seguir será listado cada entrevistado e suas características na edição:

- Vânia – Várias passagens foram aproveitadas na decupagem. Dava respostas completas e demonstrou conhecer bem rotina das crianças com suas famílias.
- Joyce – Por ser tímida em frente às câmeras, deu respostas muito curtas. Assim apenas pequenos trechos de sua entrevista podiam ser aproveitados, pois em alguns ficava evidente o seu nervosismo, quando, por exemplo, ela gaguejava. Porém por ser pedagoga, tinha uma visão bem interessante sobre o tema proposto pelo documentário.
- Simone – Pela proximidade com as crianças, foi fundamental para o documentário. Deu respostas interessantes sobre o tema violência. Por dar

respostas longas, alguns trechos tiveram que ser picotados na edição. A equipe de áudio teve alguns problemas com o som na hora da edição, os botões da jaqueta que ela vestia no momento da entrevista faziam um ruído que era captado com um volume muito alto.

- Moema – Encaixou perfeitamente no documentário pela proximidade com as crianças. Suas respostas estavam na medida certa, não eram longas nem muito curtas. Até porque só lhe foi perguntado exatamente o que precisava para completar o projeto (apêndice D).
- Crianças – Necessitou mais atenção na hora da edição. Falavam ao mesmo tempo, se movimentavam em frente a câmera, saíam de quadro e, às vezes, falavam muito baixo. Algumas crianças falavam pouco, outras demais. Deram excelentes respostas sobre o tema discutido. Por morarem em comunidades carentes, sabiam falar sobre violência e relacionavam o tema muito bem com a TV.

A partir da decupagem nasceu o roteiro final, os editores analisaram quais as partes das entrevistas iriam ser utilizadas e qual a ordem lógica que o documentário ia seguir.

4.2 EDIÇÃO DE IMAGEM

A edição do projeto também feita em conjunto pelos idealizadores do projeto, Alexandre Mattos e Júlia da Matta, numa ilha não-linear. Não foi preciso alugar nenhum equipamento. A faculdade disponibilizou para a edição um Macintosh com programa Final CUT, além de equipamentos necessários para decupagem e captação do material em fita mini-DV.

Na decupagem foram decididas as imagens que seriam capturadas e conjuntamente foi criado um pequeno roteiro para a edição. Com o auxílio do roteiro, as entrevistas foram se encaixando, mudando algumas vezes o ponto de corte. Conforme a análise do vídeo na edição havia mudanças também na ordem das imagens capturadas para imprimir um ritmo ao documentário e para que as idéias se encaixassem de maneira lógica, sem ser necessário recorrer a claquetes ou outros recursos gráficos para o entendimento do espectador.

Mostraram-se necessários colocar algumas imagens de apoio de programas e filmes que eram mencionados e que ajudariam no melhor entendimento do espectador e no ritmo do documentário. Nem todos os programas mencionados foram ilustrados, alguns por serem grandes conhecidos do público, como o desenho “Pica-pau” e outros para não alongar demais o documentário e desviar muito do seu foco principal, que era a relação das crianças com a TV.

Após a primeira edição, algumas modificações foram feitas para tornar a edição menos evidente. Utilizou-se o recurso de antecipar o áudio ou a imagem da cena seguinte, para tornar o corte mais suave. Alguns depoimentos também foram retirados ou encurtados por serem muito repetitivos.

4.3 EDIÇÃO DO SOM

Durante a edição do áudio do documentário, alguns problemas surgiram. Na gravação com as crianças, o som ficou muito baixo, por causa da timidez de alguma delas. O barulho das crianças brincando enquanto aguardavam serem chamadas para gravar, ou até mesmo daquelas que não participaram do documentário, entrava pela janela da sala de TV, atrapalhando a captação do áudio dos depoimentos. Então para a edição do áudio do documentário foi necessária a ajuda de um especialista. O som ficou a cargo do editor Felipe Frék Hanikkel, que utilizou o programa Adobe Audition para corrigir alguns ruídos, nivelar e equalizar os áudios.

4.4 MIXAGEM

A mixagem só foi necessária em uma cena, que tinha uma faixa de áudio ambiente em separado. Optou-se por não utilizar trilha sonora durante os depoimentos, apenas na abertura e nos créditos finais.

4.5 FINALIZAÇÃO

Para a finalização do documentário foi necessário o auxílio do editor, Felipe Frék Hanikkel, para acertar alguns pontos de corte de imagem e som. Não foi necessário utilizar nenhum tipo de correção de cor.

4.6 DISTRIBUIÇÃO

A distribuição do documentário será feita em DVD. Serão entregues cópias para cada pessoa que participou do projeto, entrevistados e equipe técnica, além de uma cópia para o acervo da instituição “Lar do Méier”.

Como o documentário foi feito com recursos dos próprios idealizadores, fica mais difícil a ampla distribuição de DVDs em escolas e instituições de apoio escolar, então uma cópia será disponibilizada online, para download. O link será divulgado através de e-mails para instituições escolares. O documentário também será disponibilizado para ser assistido em streaming na Internet.

4.7 EXIBIÇÃO

A primeira exibição programada será na mostra dos projetos finais de radialismo da faculdade e depois para a banca avaliadora do projeto, que receberá uma cópia em DVD. Após a apresentação do projeto na faculdade, será feita uma exibição do vídeo no Lar do Méier para as crianças e funcionários.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário foi construído sobre a fala das pessoas, as reações das crianças, o comportamento diante de alguma pergunta a entonação que davam nas respostas e até mesmo nas ironias.

Durante a produção do projeto no Lar do Méier, os idealizadores repararam em como cuidar de crianças pode ser difícil, mas gratificante. Como falou Tia Simone na sua entrevista: “plantamos a sementinha, não importa quem vai colher”. Crianças são imprevisíveis e por isso mesmo o trabalho com elas torna-se tão interessante. Quando se acha que elas não estão prestando atenção no que está sendo dito a elas, um comentário inesperado aparece e a câmera registra o momento, pelo menos no caso do documentário.

Uma observação feita durante as entrevistas das crianças foi o fato dos garotos quererem se mostrar corajosos, que gostam de assistir programas de adultos, filmes de terror. Quando algum começava a descrever uma cena do filme que tinha visto, outro se empolgava e contava uma história também. Mas o mais interessante foi perceber que em alguns momentos eles mostravam que ainda eram crianças, que sentem medo. Por exemplo, quando o jovem João Vitor confessou que só assiste filmes de terror durante o dia, pois à noite ele ouve barulhos que o assustavam. Todo mundo já foi crianças um dia e com certeza se lembra de que muitas vezes fazia alguma coisa que não queria só para fazer parte do grupo. Este inclusive era o tema que estava sendo debatido com as crianças durante a aula de TV mostrada no documentário.

É intrigante ver como a programação infantil e também adulta pode influenciar no crescimento das crianças. Antigamente um desenho podia ser educativo e interessar à maioria das crianças, inclusive às mais velhas. O que se pôde apurar na instituição é que desenhos educativos atualmente são para “criancinhas”, pelo menos assim consideram os jovens entrevistados. Quando uma das garotas ou garotos dizia gostar de um programa propriamente infantil, os outros ridicularizavam a escolha, dizendo que aquele desenho era chato. Há alguns anos atrás, “Rá-tim-bum” e “He-man” agradavam a crianças de idades variadas, mas atualmente, talvez pela grande disponibilidade de canais de TV, um programa com viés educativo não consegue prender tanta a atenção quanto outro que apela para as emoções. Talvez seja necessário mudar a abordagem, pesquisar mais o que as crianças querem e gostam de assistir e também o porquê dessas escolhas. Este foi um dos motivos para a realização deste trabalho.

Também não é possível generalizar que todos os programas produzidos antigamente eram melhores, como algumas profissionais do Lar do Méier afirmaram. Talvez eles até fossem adequados para o contexto em que estavam, mas assistindo a eles hoje em dia é possível ver que alguns eram bem violentos. Será que quando “Papa-léguas” era feito seus criadores não se perguntavam se aquela violência que eles mostravam era realmente engraçada? Talvez a violência seja uma preocupação desta época. Quem sabe naquele tempo a violência era relacionada a guerras em campos de batalha e atualmente ela apareça como um dispositivo justamente pela proximidade dela, com o fato dela afetar a vida das pessoas diariamente.

Se a programação hoje é diferente daquela que as educadoras julgavam ser boa e adequada há 20 anos, num período em que a população transpirava conscientização política, talvez seja um sinal de que as mudanças necessárias devam partir desta sociedade apaixonada pela violência, pelo sexo e pela futilidade.

A programação da TV brasileira é um problema para ser resolvido a nível cultural, sociológico e principalmente educacional.

Este relatório refaz a pergunta de Tia Simone durante seu depoimento: o que será que esperam os produtores quando fazem um programa infantil com conteúdo tão violento? As crianças do Lar do Méier afirmam que a violência está em todo lugar, elas podem presenciá-la diariamente. Ao mesmo tempo, os programas de TV não tentam mostrar uma alternativa, uma possível transformação desta realidade, ao contrário, só corroboram com a visão de mundo que essas crianças possuem.

Com base no que foi estudado e observado nos depoimentos colhidos neste documentário, é possível propor uma questão a ser investigada: desenvolver um programa de TV com um conteúdo que ofereça às crianças um entendimento da sua realidade e a possibilidade de transformá-la é um investimento que não necessariamente terá, pelo menos a curto prazo, um impacto positivo de audiência. Talvez por esta razão os produtores optem por uma programação que gere reconhecimento do telespectador, garantindo assim um público cativo.

Não se deve generalizar que toda a programação da TV atualmente é ruim e responsável pela criação de jovens violentos e incultos. Grande parte da educação é função da família, cabe aos pais conhecer o que seus filhos assistem e avaliar se eles consideram um programa adequado ou não. Cada família proporciona a educação de uma maneira diferente, algumas podem considerar benéfico crianças assistirem programas violentos por

uma questão catártica, outras podem preferir não deixar seus filhos entrarem em contato com a violência tão cedo. Este relatório não quer sugerir que os pais se tornem censores irredutíveis, que controlem absolutamente tudo o que é assistido, mas sim que eles pelo menos mostrem interesse em saber o conteúdo de um programa, ou o porquê da preferência das crianças, por exemplo.

As educadoras do Lar do Méier têm um trabalho duro pela frente no sentido de educar as crianças para a vida. Há ainda uma tarefa talvez tão difícil quanto: formar telespectadores críticos, que analisam o que assistem na TV. Um público crítico não é garantia de uma melhor programação televisiva, mas é um começo.

REFERÊNCIAS

- BAHIANA, Ana Maria. **Almanaque Anos 70**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- BERNADET, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- COMOLLI, Jean-Louis. **Sob o risco do real**. In: Catálogo do Forumdoc.bh – 5º Festival do Filme Documentário e Etnográfico. Belo Horizonte: 2001.
- CORDELIAN, W.; GAITAN, Juan Antonio; GOMEZ, Guillermo Orozco. **A Televisão e as Crianças**. Comunicação & Educação v.3, n. 7, p. 45-55, set./dez. São Paulo: 1996.
- FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. **História da comunicação – rádio e tv no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- FERNANDES, A. H.. **As mediações na produção de sentidos das crianças sobre os desenhos animados**. In: 28ª Reunião anual da ANPED. Caxambu: Anais da ANPED, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- GIRARDELLO, Gilka. **Produção cultural diante da tela: da TV à Internet**. In: 28ª Reunião anual da ANPED. Caxambu: 2005.
- LOBO, Luiz. **Televisão: nem babá eletrônica nem bicho-papão (a criança diante da tevê)**. Rio de Janeiro: Lidaador, 1990.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papirus, 2005.
- OSBORNE, Elsie L. de et al. **Seu filho de 11 anos**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.
- _____. **Seu filho de 9 anos**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.
- PIAGET, J. e GRECO, P. **Aprendizagem e conhecimento**. São Paulo: Freitas Bastos, 1974.
- ROSENBERG, Bia. **A TV que seu filho vê: Como usar a televisão no desenvolvimento da criança**. São Paulo: Panda Books, 2008.
- SAMPAIO, Mario Ferraz. **História do rádio e da televisão no Brasil e no Mundo (memórias de um pioneiro)**. Rio de Janeiro: Achiamé Ltda., 1984.
- SCHIAVO, Marcio Ruiz. **Audiência Infantil: a televisão na formação das crianças**. Midiativa, São Paulo: 2003. Disponível em: http://www.comunicarte.com.br/2003_mid_1.htm. Acessado em: 13/01/2009.
- WATTS, Harris. **Direção de câmera**. São Paulo: Summus, 1999.
- Sites
- <http://www.tudosobretv.com.br/histortv/historbr.htm#> Acessado em: 24/11/2008
- <http://retrotv.uol.com.br/especiais/bonstemplos/tupi/programas.html> Acessado em: 24/12/2008

<http://www.microfone.jor.br/historiadaTV.htm> Acessado em: 04/11/2009

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pica-Pau> Acessado em: 01/12/2008

APÊNDICE A – ROTEIRO DE PERGUNTAS

A participação da programação infantil da Tv aberta no processo educativo das crianças do Lar do Méier.

CRIANÇAS

Objetivo: Saber a opinião delas sobre a programação infantil – o que elas gostam, o que elas não gostam e qual seria o programa ideal para elas. Descobrir como a TV influencia no processo de socialização das crianças.

1. Qual seu desenho/programa favorito? Por que você gosta dele? Conte um pouco sobre ele.
2. A que horas passa o seu programa/ desenho favorito?
3. Você deixa de fazer as suas obrigações para assistir TV?
4. Você assiste TV acompanhado? De quem?
5. Quantas horas você assiste TV por dia?
6. Qual a importância desta instituição na sua vida?
7. Você conversa com os seus pais sobre os desenhos/programas? Como é exatamente essa conversa? O que você conta para elas?
8. Você conversa com os seus amigos sobre os desenhos/programas? Sobre o que vocês conversam?
9. Você aprende algo com os programas infantis que assiste? O que?
10. As suas brincadeiras são inspiradas em experiências vividas pelos personagens dos desenhos animados?
11. Qual aventura um personagem do desenho viveu e que você gostaria de viver também?
12. Há algum lugar que você tenha visto num desenho e que você gostaria de conhecer? Qual?
13. Você acha a programação infantil da TV boa? Como ela poderia melhorar?
14. O que você acha dos programas infantis?
15. Invente um programa/ desenho que você gostaria de ver na TV? (tarefa coletiva)

VÂNIA – ASSISTENTE SOCIAL

Objetivo: Entender a relação da instituição com as crianças.

1. Conte um pouco da história da fundação da casa.
2. Qual o objetivo da instituição em relação às crianças.
3. Qual a sua função na instituição?
4. Quantas crianças há? Quais as idades? Como elas são escolhidas?
5. Como é a relação da instituição com os pais das crianças?
6. Como é a relação das crianças com os pais?
7. Como é a rotina das crianças fora da instituição?
8. Quanto tempo as crianças passam na instituição por dia?
9. Quais as atividades desenvolvidas?
10. Quanto tempo as crianças passam assistindo TV?
11. Qual a importância da Tv na educação das crianças da instituição?
12. Quais os programas/desenhos que as crianças costumam assistir? Quem escolhe a programação?
13. Qual a sua opinião sobre a programação infantil da Tv aberta?

JOYCE - PEDAGOGA

Objetivo: A relação entre a Tv e as crianças

1. Qual a sua função na instituição?
2. Como é a sua relação com as crianças?
3. Qual a rotina das crianças na instituição?
4. Quais as atividades desenvolvidas? Qual a sua participação nelas?
5. Quanto tempo as crianças passam assistindo TV?
6. Qual a importância da Tv na educação das crianças da instituição?
7. Quais os programas/desenhos que as crianças costumam assistir? Quem escolhe a programação?
8. As crianças pedem para assistir algum programa específico?
9. Você assiste Tv com as crianças?
10. Qual o seu programa favorito atualmente? Por quê?
11. Há algum programa infantil que você gostava, mas não é mais exibido? Qual? Por que você gostava dele?
12. Qual a importância da Tv na educação das crianças da instituição?
13. Qual a sua opinião sobre a programação infantil da Tv aberta?

APÊNDICE B – PERMISSÃO DE USO DE IMAGEM PARA CRIANÇAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu _____, portador da Carteira de Identidade nº _____ e do CPF nº _____, residente à Rua _____, nº _____, na cidade de _____, responsável legal pelo menor _____, autorizo a Alexandre José Barreto de Mattos Júnior, DRE nº _____, e a Júlia da Matta e Silva, DRE nº _____, alunos da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), o uso da imagem e voz do menor supracitado para a realização do curta com título provisório de "Bom dia, amiguinhos", trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social em Radialismo na mesma instituição. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e voz acima mencionadas em todo território nacional e no exterior, por tempo indeterminado.

Por esta ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 200__.

Cedente

APÊNDICE C – PERMISSÃO DE USO DE IMAGEM PARA ADULTOS**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ**

Eu _____, portador da Carteira de Identidade nº _____ e do CPF nº _____, residente à Rua _____, nº _____, na cidade de _____, autorizo a Alexandre José Barreto de Mattos Júnior, DRE nº _____, e a Júlia da Matta e Silva, DRE nº _____, alunos da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), o uso da minha imagem e voz para a realização do curta com o título provisório de "Bom dia, amiguinhos", trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social em Radialismo na mesma instituição. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e voz acima mencionadas em todo território nacional e no exterior, por tempo indeterminado.

Por esta ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 200__.

Cedente

APÊNDICE D – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A EDUCADORA

Objetivo: A relação entre a TV e as crianças

1. Qual a sua função na instituição?
2. Como é a sua relação com as crianças?
3. Qual a rotina das crianças na instituição?
4. Quais as atividades desenvolvidas? Qual a sua participação nelas?
5. As crianças assistem TV acompanhadas?
6. Há alguma atividade para debater o filme visto? Como é?
7. Em quais dias da semana elas assistem TV?
8. As crianças conversam com você sobre coisas que acontecem fora da instituição?
9. Qual o seu programa favorito atualmente? Por quê?
10. Há algum programa infantil que você gostava, mas não é mais exibido? Qual? Por que você gostava dele?
11. Qual a sua opinião sobre a programação infantil da Tv aberta?
12. As crianças são influenciadas pela programação da TV?
13. A TV influencia as brincadeiras delas? As crianças brincam de luta?
14. Qual a sua opinião sobre a violência na TV?
15. Pelo que as crianças conversam, é possível perceber que elas assistem a programas inapropriados para a idade delas?

APÊNDICE E – FICHA TÉCNICA

Produção, direção e edição: Alexandre Mattos e Júlia da Matta

Imagens: Nelson De Santi

Áudio: Raphael Pereira e Társo Abranches

Finalização: Felipe Frék Hannikel

Entrevistados: Alexandre, Ana Carla, Ana Carolina, Floriano, Jéssica, João Vitor, Joyce, Lucas, Mateus, Moema, Simone e Vânia

Orientação: Fernando Salis